

“...Que eles fossem um pouco mais donos de suas vidas.”

(Dorothy Stang)

A liberdade cristã e o ser humano

Desejamos, em diálogo com os leitores, pensar a ação libertadora do cristianismo. É importante reconhecer que ao falar de uma prática humana, como foi a de Jesus de Nazaré, como é a de todos nós, pessoas, crentes ou não, realizamos atos que nos comprometem, que nos exigem reponsabilidade, atos que se fundamentam na liberdade humana. Podemos pensar em iniciar nossas reflexões falando sobre a liberdade. Especificamente, a liberdade cristã. Aquela recebida na criação como dom. Nossa abordagem, portanto, é demarcada pela concepção judaico-cristã.

Na perspectiva cristã, a liberdade é compreendida no ato da criação. Algo que nos é dado, por isso recebido e acolhido como dom, tarefa a ser desenvolvida e construída com responsabilidade. Nesse processo, o ser humano se descobre como ser de relação, de alteridade, como ser de construção (Gesché: 2005). Descobre que somente na relação com o outro é capaz de desenvolver a sua identidade e o dom de sua humanidade. O outro nos torna capazes de nos reconhecermos como seres de amor, nos arranca para fora de nós, fazendo-nos existir como ser. Dessa forma, somos chamados à tarefa de tornar a vida uma existência histórica, marcada pela alteridade e pela liberdade, descoberta no outro e para o outro. Assim aconteceu quando Deus entrou na carne humana, assumindo a condição de viver de forma humana a sua história: a inauguração do projeto de Deus. Jesus vai viver plenamente a sua liberdade, numa relação de encontros, anunciando o Reino de Deus, um reino de justiça e solidariedade. *“Eu vim para que todos tenham vida plena”* (João 10, 10).

Uma vez compreendida a liberdade como tarefa a ser trabalhada, podemos afirmar que somos responsáveis pela nossa ação, sempre marcada por esse ato de liberdade. Por isso, podemos renovar e redirecionar o nosso caminho pela nossa própria liberdade. É essa possibilidade de mudança que nos permite crescer e amadurecer diante das dificuldades que se apresentam nas nossas vidas, encontrando o sentido para o qual fomos criados, o amor (Gesché: 2005). Porque somos seres livres, agimos, muitas vezes, sem pensar, comprometendo o crescimento do outro, gerando em nós uma condição subjetiva de fechamento sobre nós mesmos. Essa realidade provoca nosso distanciamento em relação a nós mesmos, ao outro, aos problemas sociais e, por fim, ao dom de Deus (Pagola: 2013).

Na compreensão cristã, Deus age na história libertando o Homem de tudo que o aprisiona e o impede de se tornar plenamente humano. São Paulo nos fala que foi para liberdade que Deus nos libertou (Gálatas 5, 13). A história, local de construção da nossa existência, coloca, muitas vezes, o ser humano em situações de escravidão. É dessa libertação

que Jesus anuncia no seu plano de salvação. Uma práxis de libertação, onde todos são convidados a participar e a construir o reino de Deus, um reino de justiça. O evento da Encarnação marca na história um conceito inovador e revolucionário, para nós cristãos: a salvação começa a acontecer na história concreta, marcada pelas experiências de vida de cada. Muitos autores desenvolveram essa abordagem intrínseca entre liberdade e salvação. É no interior do processo de libertação que a salvação acontece. O cristianismo, dessa forma, nos afirma que a história da salvação é a história do Homem. Aqui, portando, já podemos afirmar a relação dinâmica existente entre a fé do cristão e a sua responsabilidade em desenvolver atitudes salvadoras, que dão ao ser humano possibilidades de vida plena. O dinamismo dessa realização acontece na história concreta do Homem, que se apresenta como uma realidade condicionada pelas circunstâncias econômicas e sociais da cultura na qual se encontra inserido, como afirma Faustino Teixeira:

É no exercício de sua ação histórica que o ser humano realiza sua própria humanidade, e isso não é estranho ao dinamismo salvífico. A salvação diz respeito a 'integridade do homem total', envolvendo e abraçando em seu projeto a história global. (Teixeira: 2014, p.18)

O Reino como caminho de libertação

A vida de Jesus foi marcada por encontros de promoção e integração à vida dos que se encontravam à margem da sociedade de sua época. Toda sua ação foi pautada no amor misericordioso de Deus. Agia curando e salvando as pessoas de todos os tipos de sofrimento que os excluía da convivência social. Revelava um amor especial por essas pessoas mais pobres e marginalizadas. Inaugurou um novo modo de ser e de viver o amor entre os Homens e entre os Homens e Deus. A relação estabelecida por Jesus encontra-se na própria dinâmica da encarnação, quando vem ao encontro do Homem, permitindo que o Homem vá ao seu encontro. Dessa maneira, nos ensina como e em que caminho se pode encontrar esse amor salvador, no próximo, lugar que Deus priorizou como encontro do seu amor libertador. Nas bem-aventuranças proclamou a quem destinava sua mensagem salvadora: aos pobres e todos que padecem diante de uma estrutura marcada pela injustiça econômica e social. Para o cristão essa é uma exigência para seguir Jesus. A nossa ação deve ser envolvida pela opção que Jesus fez, preferencialmente pelos excluídos, pelos pobres, desprovidos das condições básicas de uma vida digna. Torna-se, na realidade de hoje, um imperativo ético estar ao lado dos mais pobres, de qualquer tipo de situação que impeça a humanização do ser humano. É necessário que a nossa ação seja pautada numa ação libertadora. Uma libertação da nossa própria liberdade, que recebemos gratuitamente como dom do Criador. Eis a nossa tarefa: contribuir para a libertação de tudo que escraviza o ser humano e o impede de encontrar no outro a sua realização, pessoal e social. Garantir os direitos fundamentais do Homem na realidade atual.

Vivemos numa sociedade marcada pelo consumo, onde apenas somos reconhecidos pelo que podemos comprar. A identidade se reduz ao poder aquisitivo, sendo reconhecidos pelo que temos e não pelo que somos. A inversão desse valor fere a existência da vida cristã, que tem a razão de sua existência em Jesus Cristo, perseguido e morto pelo poder dominante de sua sociedade porque defendeu os pobres e marginalizados. Jesus, em toda sua ação, revelou o amor sem limites de Deus, um amor concretizado no serviço aos necessitados. O teólogo Antonio Pagola nos afirma, junto com outros autores, que a “misericórdia é o princípio fundamental da atuação de Deus e o que configura toda a vida, a missão e o destino de Jesus” (Pagola: 2012, p.183).

Apoiando-nos nessa reflexão e com os olhos no caminho realizado por Jesus, podemos afirmar que seguir os ensinamentos de Jesus exige assumir uma ação misericordiosa com o sofrimento alheio. Também a Igreja, sinal do Reino, deve fortalecer uma ação pastoral que visibilize o amor serviço, reconduzindo a centralidade desse amor no anúncio de um Deus misericordioso. Somente assim o cristão poderá ser coerente como Jesus o foi diante dos planos de Deus. Na verdade, uma prática que alcança crentes e não crentes, afinal pensar uma sociedade mais justa é tarefa de todos, independente de confissões religiosas. O Papa Francisco nos lembra da urgência em redirecionar essa ação, manifestando a “intimidade itinerante” entre Jesus e a Igreja. (*Evangelii Gaudium*, 23). Fala-nos da “Igreja em saída (...) tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (*Evangelii Gaudium*, 24).

Enfim, precisamos experimentar, como nos fala o papa, o que Jesus viveu. Precisamos garantir o exercício de atitudes que revelem comportamentos geradores de vida, contrários aos valores desenvolvidos pela sociedade atual, em que o ser humano se isenta de responsabilidades com a vida do outro. Alguns autores desenvolvem a importância de se trabalhar na formação dos valores básicos à vida em comunidade como caminho de fortalecimento diante dos obstáculos impostos pela sociedade hodierna, marcada por “uma cultura individualista de bem-estar, de êxtase do corpo, de sucesso pessoal e de autonomia subjetivos” (Lipovetsky: 2004, p.24). Sem dúvida alguma, a ética precisa ser fortalecida como bandeira de resistência na luta contra o modelo atual de sociedade, que gera, cada vez mais, exclusão da grande maioria a acesso de bens básicos à sobrevivência.

O projeto do Reino, anunciado por Jesus, é um projeto que deve alcançar a todos, um projeto que deve fortalecer o compromisso pela dignidade da vida, que cada pessoa possa descobrir-se capaz de realizar, de forma livre, a sua felicidade, de dar sentido à sua existência. São muitos os cristãos que, na história da Igreja, assumiram e continuam assumindo esse caminho percorrido por Jesus, buscando compreender a relação que Jesus estabeleceu na sua práxis entre a vida de fé e a vida social de sua época. Sempre ações comprometidas com a promoção humana.

O testemunho de vida de Ir. Dorothy

Passar pelos caminhos que Jesus passou poderá nos conduzir a realidades de conflito, de enfrentamentos, enfim, de obstáculos que, dependendo do alcance, poderão comprometer a própria vida de quem caminha nesta trilha. Assim aconteceu com muitos mártires que assumiram com fidelidade os ensinamentos de Jesus, que não tiveram medo diante das ameaças do poder dominante e, por isso, pagaram com suas próprias vidas a escolha de estar ao lado dos pobres. Um exemplo recente na história da Igreja do Brasil, é Irmã Dorothy Stang, um testemunho de libertação, reconhecida como mártir da Criação. Um título próprio a uma pessoa que entregou a sua vida em defesa da Floresta Amazônica, pelos trabalhadores do campo, nas palavras de Salvoldi:

A Irmã Dorothy foi perseguida em vida e agora é insultada na morte... É demasiado fácil condenar o assassino, um homem, pobre, e absolver o latifundiário, que tem mais poder. Quem toma posição a favor dos excluídos na Amazônia se torna automaticamente inimigo dos fazendeiros, dos madeireiros, dos garimpeiros. Gente que se enriquece da noite para o dia. (Salvoldi: 2012, p. 98)

Ir. Dorothy viveu na Amazônia, na região da Anapu, como missionária da Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur, uma congregação que se destina a educar os mais pobres. Ir. Dorothy foi assassinada em 12 de fevereiro de 2005. Morta pelos jagunços pagos pelos fazendeiros da região que não admitiam perder a terra que ocuparam para exploração do capital, a especulação da madeireira. A sua morte está registrada no Documentário “Mataram Ir. Dorothy”.

Como irmã religiosa, convicta das escolhas que Jesus fez pelos pobres, da experiência libertadora e humanizadora que salvava as pessoas do sofrimento, promoveu também o seu encontro com os pobres na cruz de Jesus Cristo, conduzida pela consciência de servir o pobre, sem direito a terra para plantar e se alimentar. No livro intitulado “Mártir da Criação”, Valentino Salvoldi descreve a ação de Dorothy como expressão de um dom oferecido à criação. Podemos lembrar o que já falamos sobre a liberdade dada, na criação, como dom, por isso tarefa a ser desenvolvida. Uma liberdade que deve nos constituir como seres livres e autônomos, como pessoas responsáveis pela vida, tanto individual como coletiva. O Papa Francisco no fala, na Encíclica *Evangelii Gaudium*, que “qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade perante as necessidades dos outros” (EG 9). Irmã Dorothy, ao experimentar a criação como dom de Deus, mergulhou na existência de cada pessoa envolvida na luta pela terra, não para explorar, mas para cultivar e cuidar, por sobrevivência, para garantir a integridade do ser humano, ou seja, a integração de sua vida ao ambiente em que vive.

Ir. Dorothy viveu, dessa forma, plenamente a liberdade como construção de uma vida destinada ao amor, ao projeto de uma realidade diferente, onde homens e mulheres podem partilhar e comungar, igualmente dos frutos de seus trabalhos. Fez da liberdade de sua vida a

libertação da vida de outros. Dorothy, como tantos outros que perderam a vida, acreditava que a Terra, como a vida, é um dom, moradia de Deus, lugar de convivência fraterna, de comunhão e de integração (Salvoldi: 2012). Dessa forma, uniu à vida humana a vida da Terra.

A missão de Dorothy exigia a sabedoria de lidar com as ambiguidades sociais e humanas, bem como a lucidez de discernir, diante dos conflitos, ações contrárias ao projeto de libertação. Muitos interesses estavam em jogo, da mesma maneira que na época de Jesus, quando Ele foi apresentado ao governador Pôncio Pilatos. Afinal, a quem interessava a morte de Jesus? Perguntamos, hoje, a quem interessou a morte de Ir. Dorothy? Mesmo identificando que as forças contrárias ao assentamento das famílias rurais se faziam cada vez mais presentes, pelas ameaças recebidas, não desistiu, pois tinha a certeza de que aquela realidade de sofrimento não se incluía nos planos de Deus.

Dorothy testemunhou o que Jesus viveu quando se colocou ao lado dos mais pobres: a hostilidade e a perseguição até à morte. No documentário sobre a sua vida, ela depõe sobre as ameaças: “eu não posso largar essa luta. Pensam que com isso vou me amedrontar, mas eu não vou”. Os latifundiários imaginavam terminar o conflito com os trabalhadores usando a força do poder e da arma. Mataram Ir. Dorothy, mas ela se encontra viva na luta do povo, como está registrado no livro de Salvoldi: “hoje não sepultaremos Dorothy. Como uma árvore, nós a plantaremos” (Salvoldi: 2012, p. 79). Assim como o trigo precisa morrer para que dê frutos, o coração de Dorothy bate no coração da Floresta Amazônica, entre a vegetação, que geme a dor de sua morte, e o povo, que clama a Deus pela justiça dos Homens.

A nossa alegria está na certeza de que a Palavra de Deus, semeada pela vida de Dorothy, foi fecunda e geradora de novas vidas, assim como deve ser a vida de todo cristão, discípulo missionário da Boa Nova. A Igreja se fortalece na presença do testemunho dos mártires que deram suas vidas para “dar o que comer aos pobres” (Marcos 6, 37). Assim, como conclusão, oferecemos as palavras do papa Francisco à luta da Ir. Dorothy Stang:

Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (*Evangelii Gaudium*, 48).

Para refletir:

1. Que realidade de injustiça questiona a fé no contexto universitário?
2. Como promover, no interior do universo acadêmico, uma cultura humanizadora?
3. Como viver a liberdade numa sociedade escravizada pelo consumo materialista?

Referências Bibliográficas

GESCHÉ, Adolphe. **O Sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.

- LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da Cultura Liberal**: ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PAGOLA, José Antonio. **O Caminho Aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **O Caminho Aberto por Jesus**: João. Petrópolis, 2013.
- Papa Francisco. **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.
- TEIXEIRA, Fautino. **Cristianismos e Teologia da Libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- SALVOLDI, Valentino. **Primeira Mártir da Criação**: Dorothy Stang. São Paulo: Paulinas, 2012.